



PERCURSOS, BARREIRAS E DESAFIOS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE CAMADAS POPULARES NO ENSINO SUPERIOR NA UFS/SERGIPE/BRASIL (2008)

Maria Helena Santana Cruz ¹

Introdução

O início do século XXI apresenta-se como um período de profundas transformações, as quais, geradas pelo processo de globalização, pela introdução de inovações tecnológicas e pela reestruturação produtiva, abarcam a cultura, a produção, o mundo do trabalho, a ciência e a tecnologia. A partir do final do século XX, estaríamos vivenciando uma grande transformação político-econômica do capitalismo com modificações radicais nos processos de trabalho, nos hábitos de consumo, nas configurações geopolíticas, nos poderes e práticas do Estado.

A lógica econômica permeia todos os setores da vida dos cidadãos. Giddens (1991) aborda esse tema, ao utilizar a concepção de “reflexividade” para denominar a “plasticidade” do pensamento sobre a sociedade, num mundo em que cada vez mais a mídia veicula ideias que provocam opiniões. Neste sentido, as instituições de ensino superior sentem os impactos da nova conjuntura e integram na nova reflexividade o desafio de repensar coletivamente seu papel na sociedade e a formação de recursos humanos adequados às necessidades do país; discutem, inclusive, os problemas que afetam seu funcionamento e a qualidade do ensino, da pesquisa, da pós-graduação e da extensão, intimamente relacionadas com as políticas governamentais e com as condições materiais e culturais de que os alunos dispõem em cada universidade e na família. A universidade faz parte da totalidade da vida social, portanto, está inserida no processo de globalização; não está fora, separada, porém, sim, está dentro da tessitura complexa e contraditória da sociedade, em relações de mútuas interações.

Este estudo aborda as experiências de alunos(as) de origem popular egressos de escolas públicas, que ultrapassaram barreiras ao longo de suas trajetórias escolares, conseguiram ingressar e permanecer na Universidade Federal de Sergipe; focaliza as razões da escolha individual do curso, da carreira, a valorização da qualificação, de novas competências, aspectos relacionados à construção de suas identidades. O mundo social implica uma reconstrução e um trabalho de atribuição de sentido (BERGER & LUCKMAN, 1978), por isso, o interesse de uma abordagem

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia; Professora de Pós-Graduação em Educação e Sociologia; Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre a Mulher e Relações de Gênero (NEPIMG) da Universidade Federal de Sergipe; líder do Grupo de Pesquisa do CNPq: “Educação, Formação, Processo de Trabalho e Relações de Gênero”; e-mail: helenacruz@uol.com.br



sociológica da experiência universitária feita de modo mais próximo possível dos alunos, os aprendizes. Parte-se do pressuposto de que as relações sociais são construídas. Os agentes sociais interagem, produzem e reproduzem formas de socialização, segundo algumas disposições – ou seja, ações recorrentes que são incorporadas e/ou subvertidas na prática social –, e nos permitem refletir sobre como a identidade, se constituiu. Nessa linha de argumentação, surgem algumas interrogações: Como universitários(as) egressos de escolas pública repensam a formação superior nos diferentes campos profissionais? Como descobrem diferenças de gênero na formação e no trabalho? Que oportunidades e obstáculos encontram no contexto da universidade? A estrutura reprodutiva, as práticas, a cultura e o trabalho são elementos formadores do indivíduo na sua condição de pertencente a um grupo, no qual se define e é definido pelos laços de solidariedade, sem, entretanto, mudar as diferenças individuais.

Abordagem metodológica

Foi priorizada a metodologia qualitativa por meio do estudo de caso, com o apoio de técnicas etnográficas, centradas na descrição de pessoas, situações e acontecimentos, para captar a visão de mundo, a construção de trajetórias/repertórios diferenciados, os significados da consciência prática nas dimensões de gênero/classe. Esse tipo de estudo privilegia os processos vivenciados pelas pessoas envolvidas, valorizando-se suas experiências subjetivas e seus protagonismos. O trabalho de campo ocorreu no contexto da UFS, principal instituição de ensino superior de Sergipe, que chega em 2010 a 42 anos de “idade”, o que a torna importante para a população local e para o desenvolvimento do Estado. A universidade é considerada um importante espaço na construção do sentido, dos saberes, da aprendizagem no desenrolar da carreira dos indivíduos (COULON, 1995).

Várias fontes de informação informam os resultados: 1) A revisão da literatura pertinente às questões abordadas, consulta a documentos e relatórios de pesquisa com estatísticas desagregadas por sexo – feitas por institutos de pesquisa – sobre o perfil de universitários no ensino superior no Brasil, destacando-se alunos oriundos de escolas da rede pública, que obtiveram êxito no exame de acesso à universidade; 2) entrevistas realizadas com 22 universitários(as)², inseridos em cursos de graduação. Procurou-se desnaturalizar a categoria estudante e, ao mesmo tempo, analisar as contradições entre uma maior demanda da população pela elevação do nível escolar e as políticas de acesso ao sistema de ensino (ZAGO, 2006).

² 22 universitários(as) de diversos cursos de graduação na UFS: Licenciatura em Química (01); Física Médica (02); Medicina (02); Farmácia (02); Biologia (02); Serviço Social (03); Direito (03); Ciências Contábeis (02); Letras (02); Jornalismo (01); Ciências Sociais(02)



Algumas questões teóricas

Como nunca antes, a formação do universitário, trabalhador e trabalhadora converge com a formação do cidadão e da cidadã, devendo atuar em três dimensões fundamentais do desenvolvimento da vida: as relações consigo mesmo, as relações com as demais (vida em família e participação no espaço social mais amplo) e as relações com o entorno. Por vezes, o inconformismo dos jovens está ligado, de alguma forma, à maneira como os indivíduos globalizam a situação social, porque no momento em que se inicia o ingresso na sociedade ampla, o jovem descortina condições e possibilidades de existência que o tornam consciente tanto das condições reais como das emergentes (IANNI, 1968). As carreiras e instituições de maior prestígio selecionam candidatos cada vez mais homogêneos em termos socioeconômicos, ao passo que os candidatos de carreira e instituições de menor prestígio se distanciam cada vez mais das características dos primeiros (CUNHA, 1991).

A abordagem relativa à construção da identidade de homens e mulheres como princípio das desigualdades entre sexos traz à tona os estudos sobre as categorias sociais de gênero, as quais entendem que as mulheres e os homens já são tratados de forma diferente a partir de seu nascimento, em função do sexo biológico e do meio cultural e social em que são gerados. Gênero é o conjunto de normas, valores, conceitos e práticas através das quais as diferenças biológicas entre homens e mulheres são culturais e simbolicamente significadas. *Gênero e identidade* não são substâncias ou unidades fixas e naturais, mas relações construídas culturalmente; tratando-se, portanto, de realidades múltiplas e mutáveis (SCOTT, 1995; BUTLER, 2003). Este estudo destaca a reflexão basilar de Stuart Hall (1993), que compreende as identidades em constante processo de formação, de modo que não se pode falar em identidades fixas, inalteradas. Butler (2003) evidencia a construção social das demarcações de fronteiras entre os gêneros, criticando tanto o falocentrismo quanto à heterossexualidade compulsória³. Para Bourdieu, o conceito de gênero é relacional e uma estrutura de dominação simbólica: os gêneros são um par de opostos que constituem uma relação e as relações de gênero são relações de poder em que “o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas” (BOURDIEU, 1999, p. 23).

Bourdieu & Passeron (1992) procuraram desmistificar, a partir dos anos 70, a democratização do ensino, demonstrando entre outras questões relativas à educação, que escolhas de carreira universitária possuem determinantes sociais. As desigualdades tendem a ser superadas à

³ Analisando o “estado da arte” sobre a produção antropológica em torno do tema de gênero, Heilborn (1982) indica que ela veio em substituição à categoria mulher que não dá conta do caráter relacional que a noção comporta.



medida que a perspectiva de gênero seja incorporada nas abordagens e práticas sociais. Bourdieu estabelece a dominação de gênero no centro da economia das trocas simbólicas. A ordem masculina do cosmos é inscrita nos corpos de homens e mulheres. O sexo definiria se seremos dominados ou dominadores. Nessa abordagem, as mulheres *absorveriam passivamente* a “ordem masculina do mundo”, na qual elas estão embebidas, como que em conluio com seus próprios dominadores⁴ (BOURDIEU, 1999, p 22-23). Deve ser reconhecido o esforço de Bourdieu em compreender a lógica da dominação masculina quer se concorde com suas ideias, ou não. É inegável que historicamente as mulheres sempre tiveram de enfrentar a desigualdade; todavia, é tão verdade quanto o fato de que elas nunca se submeteram completamente. Submissão e resistência sempre fizeram parte da vida das mulheres que vivenciam relações de poder no cotidiano.

Deste modo, falar de uma dominação sem resistência e sem participação é ignorar a autonomia do sujeito e voltar à antiga discussão sujeito/objeto. Por esta razão, o discurso da microfísica do poder é útil para pensar os microníveis da relação de dominação, que se estilhaça em diversas áreas com sujeitos e não um sujeito (HEKMAN, 1996, p. 271). Para Foucault, o poder está no micro, está nas relações cotidianas, está circulando entre as pessoas, não está nas pessoas (FOUCAULT, 1999, p. 183). Entendeu-se que o *habitus* é um conceito fundamental para entender como a prática da dominação adquire um caráter natural, dado e quase divino. Moldados na e pela divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, os *habitus* na perspectiva bourdieusiana, funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais.

O que pensam as(os) universitárias(os)

O INEP⁵/MEC (2005) constatou que as mulheres dominam hoje o ensino superior: representam 56% dos estudantes de cursos de graduação presenciais. Há cerca de meio milhão de mulheres a mais do que homens nos *campi* brasileiros. O número de alunas subiu de 833.949 para 1.964.649; no mesmo período, o total de alunos cresceu de 1.565.056 para 3.476.194. Na UFS, em 2008, o DAA⁶ informa o total de 6.779 alunos homens comparativamente 6.520 mulheres. Apesar

⁴ A crítica feminista considera que Bourdieu(1999) parece trair a sua própria teoria da luta pelo campo de poder, luta esta travada no interior do campo, entre os que estão à margem e no centro, este primeiro para alcançar o núcleo e aqueles para permanecer nele.

⁵ O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep/MEC divulgou dados recentes da educação superior no Brasil.

⁶ Departamento de Administração Acadêmica (DAA UFS, 2008).



de ter aumentado de maneira muito expressiva a matrícula feminina nos cursos universitários do Brasil, as mulheres são maioria nas áreas humanas; continuam a priorizar carreiras de interesse social e humanístico (pedagogia, psicologia, enfermagem, nutrição, direito, medicina, comunicação e outros afins), visualizadas como “femininas” no “imaginário social” e adequadas para se compreender a complexidade de nossa sociedade. De certa forma isto caracteriza as bases da divisão sexual do trabalho que ajuda a explicar, em parte, o hiato salarial de gênero no mercado de trabalho. Seja qual for o nível de escolaridade e o setor de atividade considerado, os salários das mulheres são sempre inferiores aos dos homens (CRUZ, 2005). Do ponto de vista das relações de gênero, a escolaridade superior para as mulheres significa maiores chances de ocupação de postos de poder/comando controlados tradicionalmente por homens. Os avanços femininos de escolaridade, contudo, não têm sido suficientes para modificar de forma substancial a desigualdade sócio-econômica (YANNOULAS, 2000). Para Bourdieu:

Em número maior que os rapazes [...] nos estudos universitários, as moças estão bem menos representadas nos departamentos mais cotados... direcionados, sobretudo para as especializações tradicionalmente consideradas 'femininas' e pouco qualificadas, ficando certas especialidades (mecânica, eletricidade, eletrônica) praticamente reservadas aos rapazes. E é sabido que o mesmo princípio de divisão é ainda aplicado, dentro de cada disciplina, atribuindo aos homens o mais nobre, o mais sintético, o mais teórico e às mulheres o mais analítico, o mais prático, o menos prestigioso (BOURDIEU, 1999, p. 109).

Os(as) respondentes inserem-se na faixa etária entre 19-25 anos, são de diversas localidades. A renda das famílias varia entre dois a seis salários mínimos. Um pequeno grupo de pais e mães tem curso superior completo, e ainda alguns(as) são analfabetos(as). Para Grignon & Gruel (1999, p.183) “quanto mais importantes os recursos (econômicos e simbólicos) dos pais, mais os filhos terão chances de acesso ao ensino superior em cursos mais seletivos, mais orientados para diplomas prestigiosos e empregos com melhor remuneração”. O ingresso à universidade pública “é o sonho de consumo dos estudantes”, de ascensão social e possibilidade de concorrência por melhores postos de trabalho. A opção pelo curso geralmente recai naqueles com menor concorrência que, segundo estimam, proporcionam maiores chances de aprovação: “Escolhi Ciências Sociais porque achei que teria mais chances de acesso ao ensino superior para quem veio de escola pública”. (Aluno do Curso de Ciências Sociais). Para Zago: “a origem social exerce forte influência no acesso às carreiras mais prestigiosas, pois eles estão associados aos antecedentes escolares e outros ‘tickets de entrada’” (ZAGO, 2006, p. 232). Parece paradoxal o universitário ainda não ter um futuro delineado, pelo menos do ponto de vista subjetivo.

Os estudantes sentem-se como responsáveis pela situação econômica, manutenção ou ascensão social da família: “A minha família é do interior, deposita em mim muitas expectativas e



celebraram muito minha vitória com a quinta classificação no vestibular de Ciências Sociais. Sou o primeiro a ingressar na universidade. Ter sido bolsista júnior no ensino médio (FAPITEC) e bolsista do PIBIC por dois anos na graduação, favoreceu a compreensão dos conteúdos das disciplinas; já tinha alguma familiaridade com a linguagem e literatura da área” (Aluno de Ciências Sociais). Os homens em geral não percebem diferenças com relação ao sexo no acesso a cursos/profissões e ao mercado de trabalho. A diferença é quase invisível e naturalizada, expressando-se por meio de recomendações repetidas no cotidiano como referência para todos.

Com um “pé-de-meia” obtido com o trabalho para os gastos nos primeiros tempos na universidade, os jovens iniciam os estudos de nível superior sem ter certeza se poderão manter sua condição de universitários. Esse dado é, no entanto, muito genérico, pois há variações entre os incluídos na categoria estudante originários de famílias de baixa renda. O trabalho é central e reconhecido como necessidade primária: “Atualmente exerço atividade com bolsa-trabalho pela PROEST; é uma pequena ajuda financeira, mas tenho acesso ao computador, a internet/rede, e isso me permite fazer os trabalhos acadêmicos” (Aluna de Ciências Contábeis). As redes sociais constituídas por familiares e amigos fortalecem o capital social, aqui entendido como ativo intangível que permite às pessoas e aos grupos obter benefícios, construir laços de confiança, compartilhar princípios éticos, relações de reciprocidade, e ações de cooperação.

Apreciações Conclusivas

A formação acadêmica possibilita objetivar um futuro profissional promissor, até mesmo porque o mercado tem exigido profissionais cada vez mais qualificados, flexíveis, para poder, da melhor forma, acompanhar essas transformações ocasionadas pelo processo de globalização, o que tem impulsionado uma maior busca pelo ensino superior no país. Emerge a necessidade de se abrir oportunidades para as mulheres, mas sem deixar de lado os homens, e tais oportunidades deverão partir, de início, das relações domésticas, devido serem a maior contribuinte para a dominação masculina e a responsável por seu alastramento, que se prolongará por outras instituições, como a escola, a universidade, o Estado, a igreja.

Daí a pertinência de entendermos hoje a educação como construtora da cidadania, pois cidadania significa existir sob condição de autonomia. Bem entendida esta autonomia, a emancipação não pode mais ser concebida apenas sob sua configuração iluminista, como se o sujeito humano se identificasse integralmente com o sujeito racional.



Referências

- BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. Trad. Floriano de Souza Fernandes, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1992.
- _____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CRUZ, Maria Helena Santana. **-Trabalho, gênero e cidadania**: tradição, modernidade. Aracaju/SE: Editora UFS, 2005.
- CUNHA, Luiz Antônio. Ensino superior e hierarquização social. *In: Educação Brasileira*, CRUB, ano V. n. 11, p. 41-46, 2º sem., 1991.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- GIDDENS, Anthony **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1991.
- GRIGNON, Claude; GRUEL, Louis. **La vie étudiante**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, 1993.
- HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. *In: Costa, Albertina O. & BRUSCHINI, Cristina (Org.). Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1992.
- HEKMAN, Susan J. (org). **Feminist interpretations of Michel Foucault**. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1996.
- IANNI, Octavio. O jovem radical, *In: BRITTO, Sulamita de (org). Sociologia da juventude*, vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- INEP - (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, ligado ao Ministério da Educação). **O Estado de uma Nação, 2006**.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais ligado ao Ministério da Educação. Censo da Educação Superior (2009)**. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior>, acesso em 27/11/09/2008.
- IPEA - (Instituto de Política Econômica Aplicada). Censo Escolar 2003, para o ensino fundamental e médio, e o Censo de Educação Superior 2002 (último disponível). 08/03/2006.



YANNOULAS, Silvia C. Notas para a integração do enfoque de gênero na educação profissional. *In: VOGEL, Arno. (org.) **Trabalhando com a diversidade do PLANFOR: raça/cor, gênero e pessoas portadoras de necessidades especiais.*** Unesp, São Paulo, 2000.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS – PNAD. (2006) Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2006/default.shtm> Acesso em 04/05/2010.

SCOTT, Joan. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In: **Educação e Realidade.*** Porto Alegre V. 16. Nº2, julho/dezembro. 1995.

YANNOULAS, Silvia C. Notas para a integração do enfoque de gênero na educação profissional. *In VOGEL, Arno. (org.) **Trabalhando com a diversidade do PLANFOR: raça/cor, gênero e pessoas portadoras de necessidades especiais.*** Unesp, São Paulo, 2000.

ZAGO, N. Do acesso a permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.11 n.32, 2006.